

SIMPÓSIO 43

DEMONSTRAÇÃO DA IDENTIDADE IDIOMÁTICA DO POVO (GOIANO) E HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

A conceituação de norma, inicialmente estabelecida por Eugenio Coseriu, estende-se por uma vasta discussão diatópica, diastrática, diafásica etc. Cada grupo: família, local de trabalho, cidade, estado, classe social, grupo intelectual ou profissional, apresenta uma norma linguística especificamente sua. A configuração nacional desse fator é a existência de diferentes normas num mesmo espaço territorial. No Brasil, tal como exemplo, têm-se falares (variantes normativas) diferenciados em cada Unidade Federativa. Assim como, em cada Unidade Federativa, podem ser encontradas muitas variantes normativas regionais e locais. O tempo se configura no melhor elemento de institucionalização normativa. O isolamento de um povo causa arcaizamento da língua falada. Dessa forma é que o português do Brasil é arcaico em relação ao de Portugal; o do Nordeste Brasileiro é arcaico e conservador em relação ao do Sudeste; a região do Goiás permaneceu, por muito tempo, praticamente isolada do resto do país; isso num período ainda recente. Para não mais confundir o falar goiano como parte da variante caipira, para não mais afirmar que o goianos fazem isso ou aquilo em suas falas como os mineiros o fazem, ou como os paulistas o fazem, ou como os baianos o fazem. Concebe-se: do modo como toda língua é, pura em si mesma, como unidade de misturas, também é o falar goiano, com sua identidade idiomática pura, recortada da fala de tantos homens e mulheres que chegaram em Goiás, vindos de outras falas e de outras línguas. Esse simpósio tem por objetivo apresentações que reforcem o caráter da individualidade grupal idiomática, seja baseada em elementos diatópicos, diastráticos ou diafásicos.

COORDENAÇÃO

Sebastião Elias Milani

Universidade Federal de Goiás
sebas@letras.ufg.br

Daniel Marra da Silva

Instituto Federal do Tocantins
delmarra2004@hotmail.com

HISTORIOGRAFIA-LINGÜÍSTICA DOS CONCEITOS DE LÍNGUA, CULTURA E DERIVA LINGÜÍSTICA NA OBRA DE EDWARD SAPIR

Raquel Queiroz de ALMEIDA (FL/UFG)⁷⁹⁴
 Sebastião Elias MILANI (FL/UFG)⁷⁹⁵

Resumo: Trata-se, neste artigo, da reflexão de Edward Sapir a respeito da ligação dos conceitos de “língua”, “cultura” e “deriva linguística”, tendo como base sua obra *A Linguagem: Introdução aos estudos da Fala* (1969). Nesse artigo será trabalhado o conceito de linguagem referindo-se à comunicação humana com a qual partilhamos socialmente nosso pensamento sobre o mundo. Sua preocupação com a linguagem foi além da estrutura, pois compreende que a linguagem está ancorada em um nível mental ou cultural.

Entende-se que a língua é formada a partir da realidade dos falantes. As coisas que surgirem fora disso, serão adaptadas a essa realidade e o indivíduo saberá uma forma de nomeá-la, seja criando por analogia ou importando um novo termo para o que surge. A partir disso, perceberemos que Sapir está preocupado com a linguagem enquanto um meio de relação do homem com a sociedade, ou seja, enquanto um sistema que possui sistemas ao seu redor. O sistema linguístico é visto pelo autor como uma estrutura que se relaciona dentro de si, mas que sofre e, sobretudo, produz influências exteriores importantes.

Palavras-chave: Sapir, língua, cultura, deriva linguística

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões a respeito dos conceitos língua e cultura que Edward Sapir aborda em sua obra *A Linguagem: Introdução aos estudos da Fala* (1969). Isso será feito através da reescritura desses conceitos. Mostra-se que Sapir contempla a linguagem como algo que resulta da convivência social, que varia de acordo com o grupo social a que o indivíduo está inserido, e mostra-se que para ele falar é uma função adquirida, cultural.

“atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado” (1969, p. 12).

Essas definições serão abordadas do ponto de vista historiográfico-lingüístico. Faze-se aqui o levantamento de informações e o estabelecimento de um entendimento amplo da obra, tanto no que concerne às concepções lingüísticas, quanto às manifestações culturais. Isso considerando o processo enunciativo, que registrou o momento de produção, tendo em vista que o documento materializa as influências e as manifestações histórico-culturais da época.

Sapir contribui decisivamente para o avanço epistemológico e teórico nas ciências humanas ao criticar aberta e radicalmente as correntes dominantes do pensamento social de sua época, com destaque para o evolucionismo e o funcionalismo, sendo que o objeto de análise deste é a linguagem em uso aquém ao processo de interação verbal. A escola funcionalista adere ainda formas distintas de pesquisa, descartando novamente os "modos" de Saussure - já que tudo era baseado no saussurianismo.

⁷⁹⁴ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. E-mail: musicalettras01@gmail.com

⁷⁹⁵ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. E-mail: sebaselias@uol.com.br

Adicionando-se ao grupo dos ramos "veteranos" da Linguística - Sociolinguística, Análise do Discurso, Linguística Textual, Análise da Conversação, etc. - o Funcionalismo não é uma escola recente, pois faz "junção" com a Escola Linguística de Praga, na França, fundada em 1926. Dentro desta escola francesa, surgiu o Círculo Linguístico de Praga, uma espécie de grupo de estudos que reunia estudantes de Praga em discussões sobre a Linguística.

Pioneiro na teoria Funcionalista, Roman Jakobson foi o responsável por estender a noção do funcionamento da língua/linguagem - noção esta que antes retia-se à escola Estruturalista - e de outras funções que consideram os falantes numa dada interação. As funções para Jakobson seriam de ordem emotiva, conotativa, fática, referencial, poética e metalinguística. Estas funções seguiam um esquema proposto pelo próprio Jakobson: numa situação de interação existe um emissor, que transmite uma mensagem através de um canal (a língua), há um receptor, que recebe a mensagem transmitida através de um referente.

Simultaneamente, e como visto, Sapir abre caminho para o que ficará conhecida como a "virada linguística" ou "virada discursiva" nas ciências humanas. Tal movimento fez a linguagem ser considerada um aspecto central dos processos sociais e culturais.

A língua, segundo Sapir, é um guia valioso no estudo científico de uma cultura. Em certo sentido, o emaranhado de padrões culturais de um grupo social está posto na língua em que esse grupo se expressa. Para o autor, é uma ilusão pensar que possamos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico e inteligível à sociedade. Acredita que se puder acontecer que os esforços para apreender uma cultura original sem a ajuda da língua, que nessa sociedade se fala, não de parecer tão indissociáveis como os trabalhos de um historiador que é incapaz de manusear os documentos originais da sociedade que está descrevendo. Conforme explica Sapir, os seres humanos não vivem apenas no mundo objetivo, nem apenas no mundo de atividade social, mas também se acham em muito grande parte à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão de sua sociedade. A língua varia, sem limites previstos, à medida que se passa de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado.

2. Conceitos: língua e linguagem

Em seu livro *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*, Sapir afirma que a linguagem, representada pelo ato de falar, é uma “atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado” (1969, p. 17). Não é um processo puramente mecânico, pois exige a ordenação das ideias que precisam ser comunicadas. Para Sapir (1969, p.17), falar é um aspecto tão trivial da vida cotidiana que raramente alguém se detém a analisá-lo, é tão natural quanto andar. Porém, Sapir explica que o processo de aquisição da linguagem é, em suma, coisa completamente diversa do processo de aprender a andar. No caso da função andar, a cultura, que é a pedra fundamental para a formação da linguagem, não entra em ação, e por isso a definição de linguagem vai além do estudo estrutural.

Em relação à linguagem, todo indivíduo humano está predestinado a falar. Esta é uma atividade humana que varia, de acordo com o autor, sem limites previstos, à medida que se passe de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado. Por seu lado, andar é uma função orgânica e quase instintiva. Falar é uma função não instintiva, adquirida e “cultural”.

Para Sapir, a linguagem é uma capacidade puramente humana e não-instintiva de comunicação de ideias, noções e desejos por meio de um sistema de símbolos

voluntariamente produzidos. Logo, para ele, comunicações, humanas ou animais (se é que merecem este nome), decorrentes dos gritos involuntários instintivos não constituem fatos de linguagem. Ele deixa claro, nesse texto publicado pela primeira vez em 1921, que não existem, a rigor, órgãos da fala, há apenas órgãos que são incidentalmente utilizados para a produção da fala. Para Sapir (1969, p. 23), ela não é uma atividade simples executada por um ou mais órgãos biologicamente a ela destinados, é uma trama complexa e ondeante de ajustamentos (no cérebro, no sistema nervoso, e nos órgãos de articulação e audição) em direção ao fim colimado, que é a comunicação de ideias.

No que tange à fisiologia, Sapir diz que a fala é uma função bem desenvolvida, ou, para ser mais preciso, um grupo de funções bem desenvolvidas. Segundo o autor, os psicofisiologistas aludem à localização da fala no cérebro. Um som da fala, localizado no cérebro, está longe de ser um elemento da linguagem. Para ser linguagem, é preciso que ele se associe com outro elemento ou grupo de elementos da experiência do falante. Esse elemento da experiência é o conteúdo, ou “significado” da unidade linguística. A linguagem, em si mesma, não é e nem pode ser localizada de uma maneira definida, pois consiste numa relação simbólica toda peculiar e fisiologicamente arbitrária. Logo, não há outra solução senão aceitar a linguagem como um sistema funcional completo que pertence à constituição psíquica ou “espinhal” do homem. Segundo Sapir, não é possível defini-la em termos psicofísicos, por mais essencial que seja uma base psicofísica para os atos linguísticos do indivíduo.

Sapir explica que se pode tratar da intenção, da forma e da história da linguagem, precisamente como se trata de qualquer outro aspecto da cultura humana: à maneira de uma entidade institucional ou cultural, deixando de lado os mecanismos orgânicos e psicológicos que a condicionam, como coisa aceita de uma vez por todas. O estudo de Sapir a respeito da linguagem não é o da gênese e da operação de um mecanismo concreto; é, antes, um inquérito acerca da função e da forma desses sistemas arbitrários do simbolismo conhecidos pelo nome de línguas.

Afirmar que essa nossa abundância de palavras que a tarefa mais nobre da linguística é compreender uma língua como forma, antes do que como função ou processo histórico, não equivale a afirmar que só como forma é que ela pode ser compreendida. A configuração formal da linguagem, num determinado momento e lugar, resulta de um longo e complexo desenvolvimento histórico, que por sua vez é ininteligível sem uma referência constante aos fatores funcionais. (SAPIR, 1969, p. 32)

A essência da linguagem está em atribuir sons convencionais, voluntariamente articulados, ou equivalentes desses sons, aos diversos elementos do modo de vida humano. É quando essa e possivelmente outros modos de vida se associam por sua vez com a imagem de uma casa e começam a tomar a feição de símbolo, de palavra, de elemento linguístico. Na voz de Sapir, a associação tem de ser puramente simbólica, em outros termos, o vocábulo tem de denotar, anexar a imagem, e não tem de ter outra aplicação senão a de uma ficha de referência para todas as ocasiões necessárias ou convenientes. Os elementos da linguagem, os símbolos que registram os modos de vida humanos, devem, portanto, estar associados a grupos inteiros, classes de limitados modos de vida, que não sejam as próprias experiências individuais.

Para Sapir, o elemento linguístico é o símbolo inicial e final, não de uma percepção isolada, ou sequer da noção de uma coisa particular, mas de um “conceito”, isto é, de uma cápsula de pensamento, que contém milhares de experiências distintas e é capaz de absorver milhares de outras mais. Se cada elemento linguístico significante é o símbolo de um conceito, o desenrolar da fala pode ser interpretado como a representação de certas relações estabelecidas entre esses conceitos. Do ponto de vista da linguagem, pode-se definir o

pensamento como sendo o mais alto conteúdo latente ou potencial da fala, o conteúdo que se obtém com atribuir a cada um dos elementos do discurso seu valor conceitual mais pleno.

Sapir ensina que a linguagem é faceta externa do pensamento, no nível alto e geral da expressão simbólica. Segundo sua obra, é mais que provável que a linguagem seja um instrumento aplicado, de início, abaixo do plano dos conceitos, e que o pensamento tenha surgido de uma interpretação requintada do conteúdo linguístico. O autor afirma que pode ser que o pensamento fosse um domínio natural, separado do domínio artificial da fala, mas a fala parece ser a única estrada conhecida que conduz a ele. Toda comunicação voluntária de ideias feita, fora fala normal, ou é uma transferência direta ou indireta do simbolismo típico da linguagem que se fala e se ouve, ou pressupõe pelo menos a ação intermediária do verdadeiro simbolismo.

Afirma Sapir que o jogo das imagens auditivas e das correlatas imagens motrizes que conduzem à articulação constituía, qualquer que fosse o desvio de processo adotado, a nascente histórica de toda linguagem e de todo pensamento. A facilidade com que o simbolismo da fala se transfere num e noutro sentido, de uma técnica para outra, está por si só indicando que os meros sons vocais não são o fato essencial da linguagem, este constitui, mais propriamente, a classificação, a modelagem e a criação dos conceitos. A linguagem, como estrutura, mostra ser, na sua face interna, o contorno do pensamento. O sistema fonético íntimo, sobrecarregado pelo que há a mais de mecânico e insignificante, é um princípio real e imensamente importante na vida de uma língua. Na linguagem não há nada perfeitamente estático.

Para Sapir, toda palavra, todo elemento gramatical, toda locução, todo som e acento é uma configuração em transformação lenta, modelada pela deriva invisível e impessoal que é a vida da língua. Os dialetos, formados porque uma língua se fraciona em segmentos locais, não podem seguir a mesma deriva em todos esses segmentos. A linguagem, para ele, é uma herança imensamente antiga da raça humana, sejam ou não sejam todas as suas variantes desdobramentos históricos de uma única e pura forma. A linguagem precedeu até os aspectos mais rasteiros da cultura material, e esses aspectos, na realidade, não foram estritamente possíveis até o momento em que se delineou a linguagem, instrumento da expressão significativa.

3. A língua e sua deriva

A língua é variável. Dois indivíduos da mesma geração e localidade, que falam precisamente a mesma língua e freqüentam os mesmos círculos sociais, não possuem os mesmos hábitos lingüísticos. Ao investigar minuciosamente a fala de cada um, seriam encontradas inúmeras diferenças, como na escolha de vocábulos, na estrutura das sentenças, na relativa freqüência com que são usadas certas formas ou combinações de palavras, na pronúncia de certas vogais e consoantes ou combinações de certas vogais ou combinações de certas vogais e consoantes. Assim, em todos esses aspectos, além da rapidez da elocução, a intensidade e a entoação é que encontramos o que dá vida à língua falada.

Com relação aos dois falantes mencionados, pode-se dizer que eles falam dialetos levemente divergentes da mesma língua mais do que a rigor a mesma idêntica língua. Há, entretanto, uma diferença importante entre as variações individuais e as dialetais. Sapir (1971) afirma:

as variações individuais mingnam e desaparecem diante de certas concordâncias maiores, como, por exemplo, na pronúncia e no vocabulário, que ressaltam com vigor quando a língua do grupo é comparada à do outro grupo (p. 119).

Isso mostra que há uma entidade lingüística ideal, a dominar a fala habitual dos membros de cada grupo, o sentimento de liberdade quase irrestrita que tem cada indivíduo ao usar a sua língua é contido por uma tácita norma diretriz. Certo indivíduo joga com essa norma de um modo que lhe é peculiar, outro atém-se ao que existe naquilo em que o primeiro mais caracteristicamente inova, mas por sua vez diverge da média geral em certos pontos que lhe são próprios, e assim por diante.

O que impede que as variações individuais ascendam à importância dialetal não é simplesmente sua insignificância em qualquer caso, pois, de acordo com Sapir (1971), há muitas variações dialetais inconfundíveis que não são de maior magnitude do que as variações individuais dentro de um mesmo dialeto, é que antes de tudo as variações individuais são “corrigidas” ou canceladas pelo consenso do uso geral.

pode-se achar indivíduos isolados cuja fala seja um compromisso entre dois dialetos de uma língua e, se seu número e importância aumentam, podem até acabar por constituir uma nova norma dialetal própria donde tenham sido banidas as peculiaridades extremas dos dialetos anterior. Com o correr do tempo, o dialeto intermediário poderá absorver os outros, embora mais freqüentemente estes tendam a persistir indefinidamente como formas marginais da área dialetal ampliada. Tais fatos, porém, aliás bastante comuns na história das línguas, são evidentemente muito secundários (SAPIR, 1971, p. 120).

Esse processo de surgimento do dialeto intermediário está relacionado com certos desenvolvimentos sociais, tais como o advento de uma nação, a formação de literaturas que não se contentam com uma mera repercussão local, o movimento das populações rurais para as cidades, e todas as outras tendências destruidoras do intenso localismo que o homem simples sempre considerou natural. Os dialetos são próprios de grupos sociais estritamente circunscritos, e com homogeneidade tal que lhes garante um sentimento e propósito comum, necessário para criar uma norma.

A língua não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo. Ela move-se pelo tempo num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva. Sapir (1971) afirma que ainda que não houvesse fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda forma consignável, desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua.

Os dialetos surgem, não porque haja o simples fato da variação individual, mas porque dois ou mais grupos de indivíduos se tornaram a tal ponto desconexos que passa a ter cada qual uma deriva própria, independente, em vez de fluírem juntos. Enquanto se conservam estritamente unidos, nenhum montante de variação individual é capaz de determinar a formação de dialetos (SAPIR, 1971, p. 120).

Isso reafirma que para que surjam os dialetos é necessário que as variações sejam grupais e não individuais, pois a língua não é algo individual, mas, sim, social. Se os grupos em que se fale tal língua mantiverem-se unidos lingüisticamente, nenhuma variação individual terá forças para determinar a formação de dialetos. Contudo, é improvável que uma língua possa ser falada numa extensa área sem multiplicar-se dialetalmente. Assim que os velhos dialetos são amenizados por compromissos mútuos ou varridos pela expansão e influência do dialeto que é culturalmente o predominante, criam-se novos dialetos a desfazer a obra niveladora do passado.

Velhos dialetos são constantemente suprimidos para dar lugar a dialetos novos.

as línguas são passíveis de mudanças, que não é de surpreender que, uma vez rompida a comunidade lingüística, haja um irradiamento em várias direções. Se a fala de uma localidade começou a ter uma deriva própria, é praticamente certo que se afastará cada vez mais das outras falas congêneres. Um grupo dado de dialetos divergirá em conjunto e, isoladamente, cada um de todos os outros. Com o correr do tempo, cada dialeto fragmentar-se-á por sua vez em subdialetos, que gradualmente ascenderão à dignidade de dialetos, enquanto os dialetos primordiais se desenvolverão em linguagens ininteligíveis entre si (SAPIR, 1971, p. 122).

Continua-se, assim, esse processo de divisão, até as divergências ficarem tão grande que só um lingüista, armado de evidência documental e do seu método comparativo ou reconstrutivo, tirará a influência de que tais línguas se relacionam genealógicamente, ou, em outros termos, representam linhas independentes de desenvolvimento, partidas de um remoto ponto comum.

Todas as línguas que sabemos ter suas origens relacionadas constituem um bloco lingüístico. Quanto à questão da origem una e múltipla das línguas. Pode-se provavelmente aventar é que a linguagem, como constituição humana (ou, se preferem, como faculdade humana) desenvolveu-se apenas uma vez na história da nossa espécie, e que toda a complexa história da linguagem é um só fenômeno cultural. Tal teoria, porém, construída sobre “princípios gerais”, não é de interesse real para a ciência lingüística.

Deve-se deixar ao filósofo e ao romancista o que está fora dos limites das coisas demonstráveis. Para Edward Sapir (1971, p. 124) “a linguagem existe apenas dentro de sua aplicação - falada e ouvida, escrita e lida. Toda mudança significativa que nela se verifique tem de existir inicialmente como variação individual”. As variações individuais são, de acordo com o autor, fenômenos desconexos, como as ondas do mar que avançam e recuam num fluxo sem conseqüências.

A deriva da língua ao contrário tem um rumo. Só a encarnam ou a transportam aquelas variações individuais que se movem em certa direção, precisamente como certos movimentos das ondas na baía que marcam o avanço da maré. A deriva de uma língua consta da seleção inconsciente, feita pelos que a falam, das variações individuais que se acumulam numa dada direção especial. Quando olhamos em torno de nós e observamos o uso corrente, não nos ocorre por certo que a nossa língua tem uma “declividade”, que as mudanças dos séculos próximos estão em certo sentido prefiguradas em algumas tendências obscuras do presente, e que tais mudanças, uma vez realizadas, provarão ser apenas continuações de outras mudanças que já se tinham verificado (SAPIR, 1971, p. 124).

A deriva da língua só pode existir a partir das variações individuais que caminhem para determinada direção. Essa deriva é criada a partir da seleção inconsciente dos que a falam, de variações individuais que se juntam numa dada direção. Os usos feitos no presente são continuações de alguns do passado e prefiguram tendências futuras. A língua está em constante deriva, mas nunca sem rumo, ela tem uma direção definida. O conhecimento da deriva geral de uma língua é insuficiente para vermos aonde vamos chegar. Temos também de conhecer um pouco a potência e velocidade relativa das forças componentes da deriva.

Na língua não há nada perfeitamente estático. Toda palavra, todo elemento gramatical, toda locução, todo som e acento é uma configuração em transformação lenta, modelada pela deriva invisível e impessoal que é a vida da língua. Os dialetos formados porque uma língua

se fraciona em segmentos locais, não podem seguir a mesma deriva em todos os segmentos, pois a deriva geral de uma língua tem fundo variável. Na superfície, a corrente é relativamente rápida. Em determinados caracteres, os dialetos afastam-se entre si rapidamente. Justamente por isso, esses caracteres mostram ser menos fundamentais para a índole da língua do que outros, mais lentamente modificáveis, a que os dialetos se mantêm fiéis em conjunto, quando já chegaram a constituir formas estranhas entre si de comunicação verbal.

A potência da deriva mais fundamental, pré-dialetal, é não raro de tal ordem que línguas, há muito tempo díspares, passarão por fases iguais ou notavelmente semelhantes. Em muitos desses casos, é fora de qualquer dúvida que não se deu interinfluência dialetal (SAPIR, 1971, p. 137).

Ele mostra que a deriva mais fundamental, a pré-dialetal, influencia línguas há muito tempo díspares, passando por fases iguais ou muito semelhantes. Esses paralelismos de deriva podem verificar-se tanto na esfera fonética quanto na morfológica, ou podem atuar em ambas ao mesmo tempo. O problema mais central da história da linguística é a mudança gradual fonética.

As leis fonéticas constituem uma parcela notável e fundamental da matéria lingüística. A sua influência vai muito além da esfera própria da fonética e, como percebe-se, invade a morfologia. Para ele, um desvio que começa a título de leve reajustamento ou desequilíbrio fonético pode, no curso de longos anos, acarretar as mais profundas mudanças estruturais. Se nenhum dos dois sons em que se cinde o som longo anterior é um som novo, deve-se entender que houve uma convergência fonética, que dois grupos de vocábulos, cada qual com um som distinto ou uma combinação de sons distinta, convergiram para um grupo único. As línguas forcejam por trazer a certas posições favoritas sons originalmente distintos, sem preocupação das conseqüentes confusões.

Mais comumente a deriva fonética é de caráter mais geral. É óbvio que praticamente não é um movimento no sentido de determinado grupo de sons, senão no sentido de determinados tipos de articulação. Uma mudança fonética isolada, ainda que não provoque uma convergência de sons, é em regra ameaça de subversão para o padrão fonético anterior, porque cria uma desarmonia no agrupamento dos sons. A espécie de evolução sem prejuízo do padrão, ou com perda mínima para ele, é provavelmente a tendência mais importante dos sons lingüísticos. A convergência e a “desintegração” fonética contrariam-na até certo ponto, mas de maneira geral tal tendência é o regulador central inconsciente da marcha e velocidade das mudanças fonéticas. Para Sapir (1971), o desejo de fidelidade a um padrão de sons, “a corrigir” qualquer desequilíbrio, por meio de uma cadeia elaborada de mudanças suplementares, chega não raro a abarcar séculos ou até milênios, e estas correntes psíquicas de subsolo, na linguagem, são excessivamente difíceis de compreensão em termos de psicologia individual, embora não haja como negar-lhes a realidade histórica.

Todo linguista, de acordo com o autor, sabe que uma mudança fonética é freqüentemente acompanhada de remodelações morfológicas, mas tende a admitir que a morfologia pouca ou nenhuma influência exerce no curso da história fonética. No entanto, Sapir (1971) ressalta que ao contrário, inclina-se a acreditar que é infeliz a atual tendência a isolar entre si a fonética e a gramática como províncias lingüísticas mutualmente irrelevantes. É provável haver entre elas e as suas respectivas histórias, relações fundamentais que ainda não logrou-se plenamente apreender. As mudanças fonéticas podem ser às inconscientemente estimuladas a fim de que se mantenha o espaçamento psicológico entre os vocábulos e as formas vocabulares. A deriva geral apodera-se das variantes individuais de pronúncia que auxiliam a preservação do equilíbrio morfológico ou a marcha em prol do novo equilíbrio, que a língua procura firmar.

Sapir (1971) cita três correntes fundamentais que a mudança fonética carrega:

- I- Uma deriva geral em dada direção, a respeito de cuja natureza quase nada sabemos mas que podemos suspeitar ser de caráter essencialmente dinâmico (tendências por exemplo a maior ou menor intensidade, a maior ou menor sonoridade nos elementos fonéticos);
- II- Uma tendência de reajustamento, que tem em mira preservar ou restaurar o padrão fonético fundamental da língua;
- III- Uma tendência preservativa que entra em ação, quando a deriva principal cria a ameaça de um desequilíbrio morfológico por demais sério. (p. 147)

O padrão fonético de uma língua não é invariável, mas muda com muito menos rapidez do que os sons componentes. Todos os elementos fonéticos que possui, podem mudar radicalmente, sem que o padrão sofra modificações. A relação entre o padrão fonético e o som isolado é aproximadamente paralela à que nos ministra o tipo morfológico da língua, comparada com uma de suas feições específicas. Tanto o padrão fonético quanto o tipo morfológico fundamental são conservadores em excesso, apesar de todas as aparências superficiais em contrário. Se se deixasse firmar todas as mudanças fonéticas, determinadas pela deriva fonética, é provável que a maioria das línguas apresentariam tais irregularidades de contorno morfológico que perderiam contato com a sua base formal.

As mudanças de som operam mecanicamente. Tendem a alterar ora todo um grupo morfológico, ora parte de um grupo, e tudo isso é causa de perturbação. Certos vocábulos, que estão psicologicamente isolados do seu grupo formal ou etimológico, tendem a preservar traços de leis fonéticas em tudo mais desaparecidas sem deixar rastro, ou a preservar vestígios de um processo morfológico que perdeu há muito sua vitalidade. Um estudo dessas sobrevivências, ou formas atrofiadas, não é sem interesse para a reconstrução da história anterior da língua ou para ministrar sugestões a respeito das suas afinidades remotas.

A analogia não só remodela formas dentro de um complexo de formas relacionadas (paradigma), mas ainda leva muito além a sua ação. De certo número de elementos funcionalmente equivalentes, por exemplo, pode-se dar que apenas um sobreviva, deixando-se o resto exceder pela influência deste em constante expansão. Uma feição morfológica que surge como consequência fortuita de um processo fonético, pode propagar-se por analogia, não menos prontamente do que feições antigas que devem a sua origem a causas outras que a evolução fonética.

As línguas, como as civilizações, raramente se bastam a si mesmas. As necessidades do intercâmbio põem os indivíduos que falem uma dada língua em contato direto ou indireto com os de línguas vizinhas ou culturalmente dominantes. O intercâmbio pode ser de relações amistosas ou hostis. De acordo com Sapir (1971), pode processar-se no plano corriqueiro dos negócios e do comércio ou consistir em empréstimo ou troca de bens espirituais, arte ciência, religião. Seria difícil citar um exemplo de língua ou dialeto de vida completamente isolada, principalmente, em se tratando de povos primitivos. A tribo é não raro tão pequena, que não são pouco comuns uniões de cônjuges de tribos distintas que falam dialetos diversos ou até línguas sem nenhuma afinidade entre si. Nem será descabido aventar que os casamentos e o comércio entre nações e os intercâmbios gerais de cultura são de significação relativamente maior no âmbito da vida primitiva do que entre nós. Seja qual for o grau ou natureza do contato entre povos vizinhos, é em regra suficiente para conduzir a uma espécie qualquer de interinfluência linguística.

Frequentemente a influência é acentuadamente unilateral. A língua de um povo que é tido como centro de irradiação de cultura está naturalmente em melhores condições para exercer influência apreciável em outras línguas faladas na vizinhança do que para se deixar influenciar por elas. O tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra é o empréstimo de vocábulos. Sempre há “empréstimo” de vocábulos sempre que há

empréstimo cultural, há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes. E, assim, ininterruptamente até hoje, tem continuado esse processo, em que cada fluxo cultural traz a língua novo sedimento de vocábulos estrangeiros. O estudo cuidadoso desses vocábulos constitui um comentário interessante à história da cultura.

Pode-se aproximativamente apreciar o papel que os vários povos têm desempenhado no desenvolvimento e expansão das ideias culturais, registrando-se o grau de infiltração dos seus léxicos em outras línguas. Admite-se em regra, que a natureza e a extensão do empréstimo dependem exclusivamente dos fatos históricos do intercâmbio cultural. É muito provável que a atitude psicológica da própria língua receptora em relação ao material lingüístico, concorra em grande escala para a sua capacidade de receber termos estrangeiros.

É assim que o estudo da maneira pela qual uma língua se comporta na presença de termos estrangeiros, rejeitando-os, traduzindo-os, ou espontaneamente aceitando-os, pode esclarecer valiosamente as suas tendências formais inatas. A importação acarreta sempre aos termos estrangeiros uma modificação fonética. Há sempre sons peregrinos ou peculiaridades de acentuação que não se adaptam aos hábitos nativos. Modificam-se, pois, a fim de sacrificar o menos possível esses hábitos. Muitas vezes temos compromissos fonéticos. Por isso sucede ocasionalmente introduzir-se um som novo, mas é provável que desapareça no fim de algum tempo. As línguas resistem muito a uma intromissão profunda em seu padrão fonético. Sabe-se, entretanto, que as línguas se influenciam uma às outras no campo fonético, e isso independentemente da importação de sons estrangeiros através de empréstimos vocabulares. Sapir (1971) diz:

um dos fatos mais curiosos que cabe ao lingüista assinalar é a ocorrência de surpreendentes paralelismos fonéticos entre línguas sem qualquer parentesco ou de parentesco muito remoto, situadas numa área geográfica restrita. Tornam-se eles especialmente impressionantes quando são apreciados numa ampla visão de contraste fonético (Sapir, 1971, p. 157).

Em toda a obra *A Linguagem* (1971) Sapir afirma a importância do estudo comparativo das línguas para que se descubra a suas origens e formação. A descoberta de seu passado remoto, segundo ele, só pode ser realizado a partir de comparações entre as línguas.

Há uma tendência nos sons vocais, ou em certos tipos distintos de articulação, a se propagarem por uma área contínua, mais ou menos como os elementos de cultura irradiam de um centro geográfico. É lícito supor que as variações individuais surgidas nas fronteiras lingüísticas, seja pela influência sugestiva inconsciente de hábitos estrangeiros de fonação, seja pela inferência efetiva de sons estrangeiros na elocução de indivíduos bilingües, foram pouco a pouco incorporadas à deriva fonética da língua. Uma vez que a preocupação fonética primeira da língua é a preservação do seu padrão de sons, e não de sons isolados, não há em verdade nenhum motivo para que não se assimilem, inconscientemente, os sons estrangeiros que se insinuaram na gama das variantes individuais, contanto que essas novas variantes (ou antigas variantes reforçadas) estejam no rumo da deriva interna.

Em fonética, como no léxico, é preciso cuidado em não exagerar a importância das influências interlingüísticas. O fato altamente significativo em tais interinfluências de sons é a forte tendência de cada uma das línguas a manter intacto o seu padrão fonético.

A respeito da influência morfológica, Sapir (1971) afirma:

uma influência morfológica realmente séria talvez não seja impossível, mas que a sua ação é tão lenta que dificilmente tem oportunidade de registrar-se na porção relativamente pequena da história lingüística franqueada no nosso exame; ou a de que há certas condições favoráveis para as perturbações morfológicas profundas vindas do exterior, uma instabilidade peculiar do

tipo lingüístico, digamos, ou um grau desusado de contacto cultural, condições essas que sucede não figurarem no nosso acervo documental; ou, enfim, a de que não temos o direito de admitir que qualquer língua que seja possa exercer sobre outra remodelação morfológica (p. 160).

Essa dúvida permanecerá, mas por enquanto, a desafiar explicação, a circunstância de que importantes caracteres morfológicos se acham freqüentemente distribuídos em línguas confinadas numa grande área geográfica e muitas vezes diversas, tão diversas que são em regra consideradas sem parentesco entre si. Às vezes, Sapir afirma (1971), pode-se admitir que a semelhança seja proveniente de mera convergência, que o traço morfológico semelhante se tenha desenvolvido independentemente em cada uma das línguas. Certas distribuições morfológicas, entretanto, são de carácter tão específico que não se prestam a essa solução cômoda. Deve haver no fundo um fator histórico qualquer.

O autor ressalta que não se deve esquecer que o conceito de “bloco lingüístico” nunca chega a ser definitivo num sentido exclusivo. Só se pode dizer com visos de segurança que tais e tais línguas descendem de uma fonte comum, mas não que tais ou tais línguas não lhes sejam geneticamente relacionadas. O mais que podemos adiantar é que não há um cúmulo de provas tal que force a conclusão a favor da origem comum.

Sabe-se que os mitos, as ideias religiosas, os tipos de organização social, os processos industriais e outros aspectos culturais podem propagar-se ponto a ponto, acomodando-se gradualmente em culturas a que já tinham sido alheios. Os vocábulos não se difundem com menor liberdade do que os elementos culturais, e os sons também podem ser recebidos por “empréstimo”, e pode-se adquirir até elementos morfológicos. Reconhece-se que certas línguas adotaram novas feições estruturais em virtude da influência sugestiva de línguas vizinhas.

O exame de tais casos, porém, quase sempre revela significativamente que se trata de edições superficiais ao núcleo morfológico da língua. Enquanto o testemunho histórico direto não der exemplos realmente convincentes de uma influência morfológica profunda feita por difusão, será bom não confiar muito nas respectivas teorias. De maneira geral, portanto, associa-se as principais concordâncias e divergências de forma lingüística, padrão fonético e morfologia, com a deriva autônoma das línguas, sem complicá-la com os efeitos de uma difusão de caracteres fortuitamente acumulados ora num sentido, ora noutro.

A língua é de todos os fenômenos sociais, na opinião de Sapir (1971), o mais auto-suficiente, o de maior resistência. É mais fácil destruí-la do que dividi-la na unidade de sua forma.

4. Língua e cultura

Sapir em toda sua obra considera a linguagem como um processo sócio-cultural. Isso também é afirmado por Whitney, que diz que todos carregam a capacidade lingüística consigo, mas que o aprendizado lingüístico é feito por experimentação, em um processo de transmissão do conhecimento de um falante mais experiente para um menos experiente. Whitney já não pensa na origem da linguagem, mas em sua imanência e desenvolvimento.

O processo interessante em toda a obra de Edward Sapir, que o faz se diferenciar dos comparatistas franceses é o cruzamento feito entre a experiência do indivíduo e o conteúdo do signo que produz. As interjeições, para ele, não são em absoluto sons naturais que o homem tenha produzido instintiva ou automaticamente, mas criações do espírito humano, moduladas de acordo com a necessidade cotidiana e introduzidas de acordo com a cultura de determinado povo.

Pode-se tratar da intenção, da forma e da história da língua, precisamente como se trata de qualquer outro aspecto da cultura humana à maneira de uma entidade institucional ou

cultural, deixando de lado os mecanismos orgânicos e psicológicos que a condicionam, como coisa aceita uma vez por todas. A essência da linguagem está, de acordo com Sapir (1969), em atribuir sons convencionais, voluntariamente articulados, ou um equivalente desses sons aos diversos elementos da experiência. Esses sons só passam a tomar feição de símbolo, de elemento linguístico, quando essas e outras experiências associadas se associam com a imagem de uma casa por exemplo.

Segundo Sapir (1969), o mundo da imagem e do conceito, a pintura infinita e cambiante da realidade objetiva, é o assunto inevitável da comunicação humana, pois é exclusivamente, ou pelo menos essencialmente, nos termos deste mundo que é possível a ação efetiva. Todas as línguas têm uma tendência inerente à economia de expressão. Se essa tendência fosse de todo inoperante, não haveria gramática. O fato gramatical, aspecto universal da linguagem é apenas a manifestação do sentimento geral de que conceitos e relações análogas se exprimem mais convenientemente, por meio de formas análogas. Whitney já havia mencionado a respeito da economia linguística, porque, de acordo com Milani (2001), ele explicou todas as mudanças linguísticas pela lei do menor esforço. Para ele, o indivíduo exercita sua língua no sentido de aperfeiçoá-la. A perfeição linguística encontra razão de ser nas formas abstratas e simples e que se caracterizam por ficarem cada vez menores.

A língua não existe isolada de uma cultura, ou seja, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a “trama” da vida. Para Sapir (1969) o povo que fala uma determinada língua, pertence a uma raça. No texto, o autor afirma que os antropólogos costumam estudar o homem sob as três rubricas: da raça, da língua e da cultura. O indivíduo sente que é o representante de uma porção solidamente integrada da humanidade, concebida como nacionalidade ou raça, e que tudo que lhe pertence como representante típico desse amplo grupo, cuja expressão é a língua.

As raças mesclam-se de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem propagar-se muito além do berço, invadindo territórios de outras raças e outros âmbitos de cultura. Uma língua, de acordo com Sapir (1969, p.166), “pode até extinguir-se no habitat primitivo para viver entre povos violentamente hostis àqueles que originalmente a falavam”. As ocorrências da história estão constantemente remodelando os lindes das áreas da cultura sem necessariamente fazer desaparecer as divisões linguísticas existentes.

Em sociedades de nível mais primitivo, onde não surgiu o poder de unificação secundário do ideal “nacional”, para perturbar a marcha do que se chamariam distribuições naturais, de acordo com Sapir (1969), é fácil mostrar que a língua e a cultura não estão intrinsecamente associadas. Para ele, línguas sem qualquer parentesco partilham de uma só cultura; línguas intimamente semelhantes, quando não só uma língua única, pertencem a círculos distintos. O fato de povos diferentes usarem uma mesma língua os une de algum modo. A língua une não apenas povos, mas pessoas. Nela estão presentes traços culturais e os povos que usam a mesma língua compartilham das vantagens e desvantagens culturais trazidas no uso do idioma de maneira geral.

Uma língua comum não consegue refletir indefinidamente a cultura comum, quando as determinantes geográficas, políticas e econômicas da cultura deixam de ser as mesmas na área global. Há certa tendência que leva as linhas divisórias, nacionalistas e culturais, a corresponderem as linhas linguísticas, embora eventualmente esta última possa vir a ser de menor importância que as outras duas. Mas as divisões de raça e de cultura, especialmente a última, é que são de importância; a divisão linguística não tem maior significado. Em sua obra, Sapir (1969) afirma que ao se remontar ao passado, força-se a admitir que populações relativamente escassas ocuparam grandes territórios durante inúmeras gerações, e que o contato com outras massas de população não era tão insistente e prolongado como se tornou mais tarde.

O isolamento geográfico e histórico que determinou as diferenciações raciais, era naturalmente favorável também a variações intensas de língua e cultura. A própria circunstância de que raças e culturas, postas em contato histórico, tendem a se assimilar no correr do tempo, ao passo que as línguas contíguas só se assimilam fortuitamente e a certos respeitos superficiais, indica não haver nenhuma relação profunda de causa a efeito entre o desenvolvimento específico da raça e da cultura.

Segundo Sapir (1969), é muito difícil provar que a índole, a disposição emotiva geral de um povo seja responsável pelo teor e marcha de sua cultura, por mais que ela se manifeste na maneira com que cada indivíduo joga com os elementos dessa cultura. Mas, ao se afirmar que tenha ela certo valor na modelação da cultura, por mais difícil que seja dizer de que maneira, não se segue que tenha o mesmo valor na modelação da linguagem. É difícil mostrar que a forma de uma língua tenha a mais leve conexão com a índole nacional. A sua linha de variação, a sua deriva, de acordo com Sapir (1969, p. 170) “segue inexoravelmente o canal traçado pelos seus antecedentes históricos; preocupa-se tanto com as emoções e os sentimentos dos indivíduos que a falam, como o curso de um rio com os humores atmosféricos da paisagem”. Sapir está convencido de que é desnecessário andar em busca, na estrutura lingüística, de diferenças correspondentes às variações de índole nacional, supostas em correlação com a nacionalidade. O aspecto emocional de nossa vida psíquica só é expresso marcadamente no arcabouço da linguagem.

A linguagem e os nossos canais de pensamento estão intrinsecamente ligados, e, a certos respeitos são uma e mesma coisa. O autor em estudo afirma que o conteúdo latente de todas as línguas é o mesmo: é a “ciência” intuitiva da cultura. Para ele, a sua forma manifesta é que nunca se repete, pois essa forma, que é chamada morfologia lingüística, não é nem mais nem menos do que uma “arte” coletiva de pensar, uma arte despida das irrelevâncias do sentir dos indivíduos. Na opinião do autor, não se deve acreditar que língua e cultura tenham entre si, a rigor, qualquer relação de causa e efeito. Pode-se definir a cultura “o que” a sociedade pensa. A língua é um “como” especialmente se pensa. É difícil discernir que relação de causa e efeito se pode esperar que subsista entre um inventário selecionado da experiência (cultura, ou seja, seleção significativa feita pela sociedade) e a maneira particular pela qual exprime a sociedade toda a sua experiência.

De acordo com Sapir (1969):

a deriva da cultura, que é outra maneira de designar a história, é uma série complexa de mudanças nesse inventário socialmente selecionado: adições, perdas, trocas de ênfase e relação. A deriva da língua não diz absolutamente respeito a meras mudanças de expressão formal. É possível mudar mentalmente sons, vocábulos e conceitos concretos de uma língua, sem mudar sua atualidade íntima, mais levemente que seja, tal como num molde fixo pode verter-se, conforme se queira, água, gesso ou ouro líquido. (p. 171)

Nesse trecho ele mostra que a deriva da língua, assim como a da cultura, tem mudanças complexas, mas superficiais, que não atingem a sua essência, ou superfície profunda. Para Sapir (1969), podendo-se provar que a cultura tem uma forma inata, uma série de contornos, completamente distintos da matéria-prima, já se terá qualquer traço na cultura que sirva de termo de comparação e possivelmente de meio para relacioná-la à linguagem. Mas para ele:

enquanto não forem descobertos e evidenciados esses sistemas puramente formais de cultura, será conveniente manter as derivas lingüística e cultural sob o aspecto de processos não-relacionais e não-sucetíveis de comparação (SAPIR, 1969, p. 171).

Tipos simples e complexos de linguagem, da mais infinita variedade, são encontrados no uso falado, qualquer que seja o nível de progresso cultural que se submeta a exame. Sapir (1969) afirma que em se tratando de forma de linguística, Platão vai de par com um porqueiro da Macedônia, Confúcio com um selvagem do Assam, caçador de cabeças.

Para o autor

É inútil dizer que o conteúdo da linguagem, este, está intimamente relacionado com a cultura. Uma sociedade que nada sabe de teosofia, não tem nome para lhe dar; os aborígenes que não conheciam cavalos, de vista ou ouvido, foram compelidos a criar ou importar um novo termo quando se lhe deparam esses (SAPIR, 1969, p. 172).

Assim, entende-se que a língua é formada a partir da realidade dos falantes. As coisas que surgirem fora disso, serão adaptadas a essa realidade e o indivíduo saberá uma forma de nomeá-la, seja criando por analogia ou importando um novo termo para o que surge.

A história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas no sentido de que o vocabulário de uma língua mais ou menos fielmente reflete a cultura a que ela tem por propósito servir.

Mas, de acordo com Sapir (1969):

essa espécie de paralelismo, superficial e externa, não é de interesse real para o linguista, salvo na medida em que a criação ou imitação de novas palavras projeta luz sobre as diretrizes formais de uma língua dada. O linguista não deve jamais cometer o erro de identificar uma língua com o dicionário que dela se extrai (p. 172).

Isso mostra que o linguista não deve estar preocupado estritamente com o léxico da língua que pretende estudar, pois não pode identificá-la a partir desses dados. Ele deve estudá-la dentro de sua estrutura profunda, na sua morfossintaxe. Se a língua é de tamanha profundidade, indicar-se-á que se trata da obra mais notável e colossal que o espírito humano jamais desenvolveu, pois é nada menos do que uma forma completa de expressão para toda expressão comunicável. Daí a língua ser a primeira manifestação do pensamento, pois para que ele seja inteligível, tem que ser comunicado, e isso é feito através da língua. Sapir (1969) afirma que ela é a arte mais ampla e maciça que se nos depara, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente da cultura entre os indivíduos.

5. Conclusão

Toda língua tem um lugar onde ela se estabelece. O povo que a fala, pertence a um grupo socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas. Sapir (1969) afirma que as raças se mesclam de maneira que não sucede com as línguas. Por outro lado, as línguas podem se propagar muito além do berço, invadindo territórios de outras raças, outras nações e outros âmbitos da cultura. Há uma relação qualquer entre a língua e a cultura e é esse intangível aspecto que chamamos “índole de um povo”. Não é, por caso, inconcebível que as qualidades coletivas especiais que modelaram a cultura não sejam as mesmas que se sabe serem responsáveis pelo desenvolvimento de dada morfologia linguística.

Sapir afirma que a língua já é por si uma arte coletiva de expressão, súmula de milhares e milhares de intuições individuais. A criação individual perde-se na coletividade, mas a expressão pessoal deixou um traço em certo meneio e flexibilidade, que para Sapir (1969), é inerente a toda obra coletiva do espírito humano. Ela está apta, portanto, ou pode rapidamente tornar-se apta, a definir a individualidade do indivíduo.

Para Edward Sapir, a língua é, de todos os fenômenos sociais, o mais alto-suficiente, o de mais maciça resistência. É mais fácil extirpá-la do que destruí-la na unidade de sua forma.

Referências Bibliográficas

MILANI, S. *E. Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da lingüística*. 2000. 166 f. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala*. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. *Linguística como Ciência: Ensaio*. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SOUZA, E. R. *Funcionalismo Linguístico*. 2. Ed. São Paulo: Águia Dourada, 2012.